

A construção da identidade na socialização profissional de treinadores: entre a escola de ofício e a academia

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201800030427>

Heitor de Andrade RODRIGUES*

Roberto Rodrigues PAES**

Samuel de SOUZA NETO***

*Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
**Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
***Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de constituição da identidade profissional em treinadores de jovens atletas de basquetebol. Optou-se pela metodologia qualitativa, na perspectiva etnossociológica, baseada nos pressupostos da narrativa de vida de 13 treinadores de basquetebol, utilizando a entrevista narrativa como técnica para coleta de dados. Os resultados revelaram que o processo de constituição da identidade profissional dos treinadores é fruto de socializações sucessivas no curso de suas vidas pessoais e profissionais. A identidade dos treinadores emergiu da interação entre trajetórias biográficas e relacionais, confirmando a relevância da experiência no campo profissional adquirida por meio da imersão na cultura do esporte. Esta, por um lado, é fortemente marcada por uma educação artesanal, "escola de ofício", em que o aprendiz aprende com um mestre e, por outro lado, é questionada pelos mecanismos de formação dos cursos de Educação Física. Por fim, à guisa de conclusão, identificou-se a emergência de dois perfis identitários entre os treinadores pesquisados, quais sejam: a identidade de ofício e a identidade em mobilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Desenvolvimento profissional; Narrativas de vida; Basquetebol.

Introdução

O presente estudo tem como foco a constituição identitária de treinadores esportivos no basquetebol, entendendo esta construção como um processo de socialização.

As pesquisas têm caracterizado a aprendizagem dos treinadores esportivos como processos de socialização profissional e fontes diversificadas de conhecimento^{1,2,3}. Entre os diversos processos e meios para aprender esta profissão, experiências fortemente enraizadas no contexto do esporte e da formação universitária têm chamado a atenção. As pesquisas têm demonstrado que a experiência no contexto esportivo, como atleta, treinador e a observação de colegas mais experientes, são fontes primárias de conhecimento dos treinadores⁴. Esses resultados têm se confirmado,

inclusive, entre treinadores de jovens atletas atuantes com diferentes modalidades esportivas^{5,6,7}.

No basquetebol, SÁIZ, CALVO e GOMÉZ⁸ investigaram os meios/fontes de conhecimento de 16 treinadores *experts*, na Espanha. Os resultados indicaram que os treinadores recorrem a meios diversificados para sua formação profissional. Porém, os meios mais valorizados foram aqueles relativos à aprendizagem situada, um tipo de aprendizagem que ocorre nas experiências práticas do treinador, com as circunstâncias diárias, solucionando problemas e tomando decisões *in situ*. A aprendizagem situada ainda é seguida por outros meios informais, como a reflexão prática das experiências, durante e depois dos treinos e competições, o *mentoring* informal, e a aprendizagem compartilhada, que ocorre

pela interação com outros treinadores por meio de conversas, discussões e observações.

Em menor escala, mas não sem importância, a formação universitária no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte também tem sido alvo de interesse dos pesquisadores. Apesar de reconhecerem a relevância das aprendizagens que ocorrem no terreno profissional, há o entendimento de que a formação de treinadores não deve ficar na dependência exclusiva da experiência, sendo que o desafio é enriquecer/elevar o saber da experiência⁹.

Apesar disso, o número de pesquisas sobre a eficácia dos cursos universitários na formação de treinadores é, ainda, reduzido. TRUDEL, GILBERT e WERTHNER³, no intuito de avaliar o alcance dos cursos de formação de treinadores, realizaram revisão da literatura, no período de 1998 a 2007, de pesquisas publicadas em língua inglesa. Foram identificadas 14 investigações efetivamente voltadas para essa finalidade, mas apenas quatro avaliaram os desdobramentos de cursos universitários. Nas quatro pesquisadas os autores buscaram avaliar a efetividade de cursos universitários que tinham como proposta formativa o desenvolvimento de treinadores reflexivos, capazes de criar soluções para os desafios do treino, a partir da aprendizagem baseada em problemas e no desenvolvimento de competências. Em relação aos resultados, poucas evidências do crescimento das habilidades reflexivas foram notadas ao longo do curso e pouquíssimas evidências foram encontradas sobre o uso da prática reflexiva após a realização do curso. Concluem que implementar propostas inovadoras de formação de treinadores é, ainda, um grande desafio e que, de maneira geral, os cursos universitários permanecem assentados em currículos tradicionais.

No caso do Brasil, o papel da formação universitária ganha relevo, na medida em que a graduação em cursos de Educação Física ou Ciências do Esporte é um dos pré-requisitos fundamentais para adentrar a profissão de treinador¹⁰.

In Brazil, coaching is already an established profession; Brazilians are not allowed to coach if they do not hold a university diploma called a 'Bachelor in Physical Education'. This particularity makes the Brazilian coach education system an interesting case to investigate, especially at a time when two major sporting events (FIFA, 2014; Summer Olympic Games, 2016) will attract athletes, coaches, administrators, and researchers from all over the world (p.166)¹⁰.

Diante desses elementos, considerando que o processo formativo de treinadores brasileiros está na convergência de diversas fontes de conhecimento, provenientes da socialização primária e secundária (experiências como atleta/praticante, curso de Educação Física/Ciências do Esporte, experiências de trabalho), identificou-se no debate sobre a constituição das identidades profissionais (socialização profissional) um quadro teórico promissor para a análise da formação e desenvolvimento profissional dos treinadores.

HALL^{11,12} e DUBAR^{13,14,15} denominam a identidade como representações construídas pelos indivíduos em estreita relação com o mundo vivenciado e o resultado da articulação entre aspectos subjetivos e objetivos. Uma representação em constante transformação ao longo da vida e, portanto, provisória, fragmentada, contraditória e inacabada.

DUBAR¹⁴ concebe o fenômeno identitário como o produto de sucessivas socializações por meio da interação e da comunicação entre os indivíduos. Um processo que extrapola o período da infância e da escolarização básica, penetrando nas diversas esferas de atividade que cada indivíduo encontra durante a vida, dentre elas ganha relevo o campo do trabalho, do emprego e da formação.

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o emprego condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a formação intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar (p. XXVI)¹⁴.

WAUTIER¹⁶ afirma que a socialização profissional, na construção identitária, se torna um momento crucial de reconhecimento das competências, dos saberes, envolvendo uma escolha e uma formação profissional, mas sobretudo a integração do indivíduo a categorias profissionais em plena transformação. Portanto, uma socialização secundária na qual o indivíduo é confrontado com um conjunto de conhecimentos especializados que lhe permite elaborar saberes profissionais em referência a um campo específico de atividade.

Neste contexto trabalhar com a questão identitária no processo de socialização se torna fundamental,

pois significa trazer a formação desses treinadores para dentro da profissão, valorizando o que eles são e fazem, bem como compreendendo como este trabalho interfere no desenvolvimento profissional. Significa entender como esta prática se transforma em conhecimento ou saberes, podendo auxiliar também na resignificação da formação inicial e continuada.

Diante do exposto, o objetivo da pesquisa foi analisar o processo de constituição da identidade profissional em treinadores de jovens atletas de basquetebol, com atenção especial para o papel das experiências no terreno profissional e do curso de Educação Física nesse processo.

Método

Optou-se pela pesquisa qualitativa de “perspectiva etnossociológica”. DENZIN e LINCOLN¹⁷ assinalam que pesquisa qualitativa assume uma abordagem naturalista e interpretativa, uma vez que estuda os fenômenos em seus cenários naturais e busca interpretá-los tomando por base os significados que as pessoas a eles conferem. A “perspectiva etnossociológica”¹⁸ designa um tipo de pesquisa empírica que se sustenta na investigação de campo e nos estudos de caso, construindo seus objetos pela referência a problemáticas sociológicas. Porém, diferente de uma representação “total” e “completa” das experiências vividas pelos sujeitos, o interesse do pesquisador se circunscreve a episódios específicos que estão delimitados pelo objeto de estudo e pela escolha dos próprios sujeitos da pesquisa.

No âmbito desse recorte escolhemos a entrevista narrativa¹⁸ que consiste em uma produção discursiva em forma de narrativa, na qual o sujeito participante é convidado pelo pesquisador a relatar, contar um episódio de sua experiência vivida, delimitar os personagens que participaram dessa experiência,

Parte-se da hipótese de que a constituição da identidade profissional dos treinadores ocorre, predominantemente, no terreno profissional; está enraizada nas experiências profissionais com a modalidade (praticante; atleta; treinador assistente; treinador principal) e a universidade exerce, com os cursos de Educação Física, um papel complementar nesse processo.

Escolheu-se pesquisar os treinadores de basquetebol que tratam da formação de atletas por ser um processo que envolve as etapas iniciais e é responsável pela ascensão nas categorias superiores, podendo dar indicativos para uma melhor organização do esporte nacional.

descrever suas relações, explicar suas razões de agir, descrever os contextos de ação e fazer julgamentos sobre os personagens, suas ações e os contextos de ocorrência.

A entrevista narrativa se desenvolve em um roteiro menos estruturado de questões, no qual o pesquisador estimula e encoraja o sujeito a contar a história de um acontecimento importante de sua vida e contexto social, pois a ideia básica é reconstruir acontecimentos pela perspectiva do sujeito¹⁹.

Participaram 13 treinadores de basquetebol (T1 a T13) vinculados a formação de jovens atletas, tendo sido selecionados por sua expertise (avaliada pelos pares) e disponibilidade em participar. No intuito de caracterizar os treinadores participantes, no QUADRO 1 apresentamos uma descrição deles com algumas categorias de referência. No QUADRO 2, apresentamos os dados relativos à formação inicial e continuada dos treinadores em instituições de educação superior pública ou privada, como Faculdades, Centros Universitários e Universidades²⁰.

QUADRO 1 – Dados de identificação e atuação profissional dos treinadores.

Treinador	Sexo	Idade	Experiência	Sexo (atletas)	Categorias em que já atuou
T1	M	23 anos	3 anos	M	Sub 12, 13, 14 e 15
T2	M	25 anos	2 anos	M	Sub 13, 15 e 16
T3	F	28 anos	4 anos	F	Sub 12, 13 e 15
T4	M	25 anos	5 anos	M	Sub 12, 13, 14 e 15
T5	M	30 anos	6 anos	M	Sub 12, 13, 14, 15 e 17
T6	M	26 anos	7 anos	M	Sub 12, 13, 14, 15 e 16

Continua

Continuação

QUADRO 1 – Dados de identificação e atuação profissional dos treinadores.

Treinador	Sexo	Idade	Experiência	Sexo (atletas)	Categorias em que já atuou
T7	M	34 anos	13 anos	M	Sub 12, 13, 14, 15 e 16
T8	F	36 anos	14 anos	F	Sub 12, 13, 14, 15 e 16
T9	M	35 anos	13 anos	M	Sub 12, 15, 16 e 17
T10	M	38 anos	18 anos	F	Sub 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19
T11	M	40 anos	20 anos	F	Sub 12, 13, 14, 15 e 17
T12	M	39 anos	20 anos	M	Sub 12, 13, 14, 15, 16 e 17
T13	F	48 anos	23 anos	F	Sub 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19

Fonte: pesquisa direta. Elaboração do pesquisador.

QUADRO 2 – Dados gerais sobre a formação inicial e continuada do treinador pesquisado.

	Formação inicial	Instituição	Início/ Fim	Especialização	Instituição	Curso ENTB*
T1	Licenciatura e bacharelado em Educação Física	Faculdade Particular	2007/ 2011
T2	Licenciatura e bacharelado em Educação Física	Universidade Particular	2006/ 2011	Nível I
T3	Licenciatura plena	Faculdade Particular	2004/ 2007	Treinamento esportivo	Universidade Pública
T4	Licenciatura e bacharelado em Educação Física	Universidade Particular	2005/ 2012
T5	Licenciatura plena	Universidade Particular	2003/ 2006	Nível I
T6	Licenciatura e bacharelado em Educação Física	Universidade Particular	2006/ 2010	Metodologia do Ensino da Educação Física	Universidade Particular	Nível I
T7	Licenciatura e bacharelado em Educação Física	Universidade Pública	1998/ 2003	Nível I
T8	Licenciatura plena	Universidade Particular	1995/ 1999	Bioquímica	Universidade Pública	Nível I
T9	Licenciatura plena	Universidade Particular	1996/ 1999	Níveis I e III
T10	Licenciatura plena	Universidade Particular	1997/ 2002
T11	Licenciatura plena	Universidade Particular	1991/ 1994	Fisiologia do esforço	Universidade Particular
T12	Licenciatura plena	Centro Universitário Particular	1993/ 1997
T13	Licenciatura plena	Universidade Particular	1984/ 1986	Treinamento desportivo; Gestão de pessoas	Universidade Particular

Fonte: pesquisa direta. Elaboração do pesquisador.

* Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol

No que diz respeito à análise dos dados, BERTAUX¹⁸ afirma que a análise minuciosa deles constitui uma fase imprescindível da pesquisa, fundamental para descrever e interpretar os relatos colhidos. Assim, de acordo com as orientações do autor, procedeu-se a análise indutiva dos dados considerando quatro fases complementares, sendo as três primeiras realizadas individualmente em relação aos dados de cada entrevista, mais especificamente: (1) transcrição das entrevistas, no intuito de traduzir as palavras e os elementos de comunicação não verbal em um formato textual; (2) reconstrução da estrutura diacrônica/temporal das narrativas e reconstituição dos grupos de coabitação presentes nas narrativas, procedimentos relevantes na identificação dos processos biográfico e relacional de constituição identitária, os quais podem fornecer informações sobre o percurso biográfico dos treinadores, bem como as instituições e grupos específicos que atravessaram esse processo; e (3) análise compreensiva, no intuito de explicitar as informações e significações presentes nas narrativas, fazendo emergir indícios preliminares sobre fenômenos propriamente sociais.

Por fim, uma quarta fase foi realizada por meio do cruzamento e comparação entre os dados das entrevistas, mais especificamente: (4) uma análise comparativa, com o intuito de cotejar as recorrências identificadas nas narrativas e, com isso, construir hipóteses plausíveis sobre o objeto de estudo. O desenvolvimento das quatro fases dessa técnica permitiu

chegar a um conjunto de categorias representativas do processo de constituição identitárias dos treinadores.

No que se refere à confiabilidade e validade dos dados, com base nas proposições de SPARKES e SMITH²¹, os seguintes procedimentos foram adotados para aumentar a credibilidade dos dados obtidos nas entrevistas: (1) uma entrevista piloto foi conduzida com um treinador de basquete experiente, no sentido de testar o roteiro de questões, bem como aumentar a confiança e a competência do pesquisador responsável. (2) As entrevistas foram conduzidas dentro do ambiente de trabalho do treinador, no sentido de proporcionar maior segurança ao treinador participante e, com isso, maior riqueza dos relatos. (3) O pesquisador responsável pelas entrevistas foi atleta e treinador de basquetebol. Atualmente é professor e pesquisador da modalidade no contexto universitário experiência que o qualifica a dialogar e compreender a linguagem, as terminologias e os pensamentos dos treinadores entrevistados. (4) Por fim, procedeu-se a revisão por pares dos dados e resultados, especificamente dois pesquisadores com experiência no basquetebol e em pesquisa qualitativa analisaram o conjunto de dados e compararam suas interpretações com as do pesquisador primário, não havendo discrepâncias entre as análises realizadas.

Registra-se, ainda, que esta investigação foi aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE – nº 11226312.0.0000.5404) e, posteriormente, desenvolvida com o consentimento dos treinadores.

Resultados e discussão

Os dados coletados foram organizados em dois tópicos temáticos, o primeiro em que se apresentam os resultados e o segundo no qual se realiza a discussão desses dados.

A narrativa como produção da vida de treinador e de sua socialização

NÓVOA²², em texto clássico sinaliza para a compreensão de que uma parte da pessoa é o profissional e uma parte do profissional é a pessoa, uma mão dupla no processo das sucessivas socializações e construção identitária¹⁴, apontando para o desenvolvimento pessoal, momento em que se busca produzir a vida do profissional (de dentro para fora) e para o desenvolvimento profissional, momento em que se produz a profissão de treinador (de fora para dentro) no nosso caso.

Assim, ao longo da análise das narrativas nos deparamos com diversos relatos que foram confirmando a pertinência dessas assertivas, na medida em que os treinadores foram tecendo os fios de suas histórias²¹, apoiados em diferentes períodos de suas vidas¹⁴, na constituição de uma identidade, *habitus*,^{a, 23, 34} podendo-se destacar três períodos: a socialização pré-profissional - experiências anteriores a universidade; a socialização profissional no curso de Educação Física – formação inicial e a socialização profissional ao longo da carreira – as experiências de trabalho.

A socialização pré-profissional (primária)

A socialização pré-profissional exerceu papel preponderante ao colocar os treinadores em contato com o mundo do basquetebol, com destaque para a importância das escolinhas, do treinamento,

da mídia, enfim, de todas as experiências que abriram as portas do basquetebol. Porém, mais do que introduzir os treinadores no mundo do basquetebol esse período foi responsável pela fase de encantamento, das primeiras experiências como atleta e de uma relação afetiva com os primeiros professores, contribuindo para a construção de um sentimento de pertença – a *illusio*^{b25, 26}.

[...] com o basquete eu comecei a treinar com 11 anos, que foi influência da minha professora da escola [...]. [...] ela percebeu em mim algum talento, alguma forma para desenvolver e assim ela é muito próxima, foi para mim uma segunda mãe, assim em termos de horários, em termos de disciplina, de fazer o melhor (T13).

Eu tive um professor muito legal na escolinha, chamava Mauro, e ele era bem brincalhão, ele conquistava assim, ele conquistava. Mas era um cara muito bacana que cativava o grupo, ele gostava, ele fazia a gente gostar do basquete (T1).

[...] tinha uma professora, que era uma professora que exigia muito e gostava muito do esporte, e ela sempre era muito próxima da minha pessoa, ela me levava pra amistoso, me levava pra assistir jogos aqui no Poli. Então eu acho que o que fez eu me interessar pelo basquete e tentar jogar e tentar participar mais foi através dessa professora que sempre me induziu (T9).

Nestes enxertos, para além da questão da *illusio*, desponta os pressupostos da aquisição de um capital cultural (formado pelo estado incorporado - disposições duráveis do organismo que o incorpora; estado objetivado - aquisições de bens culturais e estado institucionalizado – diploma, certificação) marcado pela assimilação e inculcação de conhecimentos e informações ao longo de uma trajetória de vida.

Na socialização pré-profissional houve a apropriação de um conjunto de valores do estado incorporado que permeiam a cultura do basquetebol e que foram essenciais para a construção das concepções de treinamento nas categorias de formação (categorias de base), bem como no papel dos treinadores nesse contexto (dimensão relacional), dando margem para a aquisição de um capital cultural^{c, 27}. Um exemplo desses valores do estado incorporado podem ser observados no seguinte trecho: “eu comecei a treinar aos 11 anos, que foi influência da minha professora da escola;

ele fazia a gente gostar do basquete; o que fez eu me interessar pelo basquete e tentar jogar e tentar participar mais foi através dessa professora que sempre me induziu (T 13)”.

Neste período os treinadores se apropriaram dos conteúdos específicos do basquetebol, aqueles que identificam a modalidade, bem como algumas metodologias de ensino. Esse dado é confirmado quando os treinadores avaliam as disciplinas de basquetebol presentes nos cursos de Educação Física, os quais assinalam que não acrescentaram novos conhecimentos, uma vez que eles já tinham se apropriado dos conhecimentos elementares da modalidade nessa fase da socialização.

A socialização profissional na universidade (secundária)

A socialização secundária (profissional) teve papel um pouco diferente da socialização primária (pré-profissional). O curso de Educação Física não exerceu papel preponderante no sentimento de pertencimento ao basquetebol e nem foi decisivo para a escolha profissional. BERGER e LUCKMANN²⁸ chamam atenção para o fato de que “na socialização primária, os adultos estabelecem as regras e à criança resta incorporá-las” por ser o único mundo possível para elas e por esta razão o “mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias”. Nesta direção, os participantes manifestaram, na maioria dos casos, uma satisfação com os aspectos gerais do curso e um ceticismo quanto à relevância do curso e da disciplina de basquetebol para a formação específica de treinador.

[...] acabei fazendo Educação Física, que era o que eu queria fazer mesmo, nunca pensei em fazer outra coisa. *Eu gostei muito do curso*, no geral era o que eu realmente queria fazer, me diverti, aprendi muito, estudei muito [...] (T6, grifo nosso).

[...] eu acho que eu fiz uma das melhores faculdades que a gente tem em Educação Física, como a sua, a USP, mas o que me chamou mais a atenção na minha formação, evidentemente, o Rodrigo [professor do curso de Educação Física] e o Carlos [professor do curso de Educação Física] (T7).

No que diz respeito à socialização de conhecimentos específicos sobre o treinamento com o basquetebol (dimensões técnica e tática) o curso foi incapaz de atender as expectativas dos treinadores.

[...] eu acho que o curso da faculdade, para o treinamento, para o treinamento é muito pouco, é muita pouca informação, a gente usa bastante coisa da fisiologia, usa bastante coisa do treinamento. [...] ajudou, me ajudou bastante, só que eu acho que ainda é muito pouco pra alguém que quer ser um treinador de basquete. Acho que ainda é muito pouco (T1).

[...] a cadeira de basquete que eu fiz lá. Cara, eu não aprendi nada. Cara, *tudo o que ele passou eu já sabia*, talvez outras pessoas não sabiam; foi bom, mas *para mim não valeu nada*. Basquete II, que era para ser aprofundamento, era uma cadeira de seis créditos em seis, sete semanas, são umas dez aulas que você faz. Basquete II, cara, que era para ser a parte técnica do jogo mesmo, jogada, marcação de zona, não tem. Você não forma um treinador ali, você não forma mesmo (T4, grifo nosso).

A faculdade, ela me deu o básico; agora, por exemplo, se você falar diante do que é um sistema de defesa, a gente viu, mas muito básico. A faculdade pincela algumas situações, a aprendizagem, os fundamentos dentro da modalidade, aí o todo que é um jogo, mas como fazer essa ponte, esse processo, como é esse caminhar, é muito na prática (T11).

Em contrapartida, para além dos conhecimentos específicos do basquetebol, os treinadores reconheceram ter aprendido alguns conhecimentos e habilidades ao longo do curso de Educação Física. DUBAR¹⁴ ressalta que ocorre essa perspectiva de mudança social desde que na socialização secundária haja a possibilidade de ruptura com a socialização primária, dependendo das relações estabelecidas entre os agentes das socializações primárias e secundárias. Essa constatação é, sem sombra de dúvidas, um ponto-chave para compreender o papel do curso na constituição da identidade dos treinadores.

Eu penso que a faculdade de Educação Física, ela somou muito em termos de didática, em

termos de uma certa noção de pedagogia, mesmo quando você não estava falando de basquete, estava na aula de voleibol, mas via o professor ensinar a sequência pedagógica, você já tinha um discernimento de que precisava existir [...] (T8).

[...] você tem uma base de fisiologia, porque eu não sabia nada de fisiologia; você tem uma base de anatomia que vai te ajudar no basquete, eu não sabia nada de anatomia. Você tem uma base de treinamento esportivo, que eu não sabia absolutamente nada, não sabia o que era uma adaptação, como era feito a adaptação do esporte (T1).

Ajudou muito nessa parte psicológica, principalmente para trabalhar com esse nível, das categorias de base, ajuda muito [...]. [...] psicologia do esporte, pois ajudou muito a entender o atleta e a entender a parte de cobrança, sentar após jogo, antes de jogo, o motivacional (T2).

Assim, algumas mudanças foram possíveis de serem encontradas e valorizadas pelos treinadores no curso de Educação Física, como: a Didática e a Pedagogia, a Fisiologia e a Teoria do Treinamento, e a Psicologia. A emergência desses dados nos permitiu inferir que embora o curso de Educação Física tenha contribuído de maneira limitada na socialização de conhecimentos específicos sobre o basquetebol, ele foi capaz de orientar os treinadores para algumas demandas da atuação profissional, sobre as quais eles não haviam se atentado.

O curso alertou os participantes para o fato de que a atuação profissional exige a apropriação de um conjunto de saberes para além daqueles produzidos nas experiências como praticante e/ou como observador da modalidade, indicando que o exercício profissional exige a apropriação de um conjunto de conhecimentos que não estão totalmente disponíveis no terreno profissional, no qual a experiência tem limites²⁹ e que a universidade pode exercer um papel importante na socialização desses saberes.

A socialização profissional no trabalho (ao longo da carreira)

Na medida em que o campo do emprego e do trabalho exercem papel preponderante na formação e, principalmente, no desenvolvimento profissional dos treinadores outros elementos

emergem, pois como diz TARDIF³⁰ as pessoas aprendem a trabalhar, trabalhando.

Os dados demonstraram que o exercício da profissão de treinador está condicionado à uma realidade desafiadora, sobretudo pelas condições precárias de trabalho, o que exige trabalhar em mais de um emprego, em condições insatisfatórias de estrutura física e financeira e desempenhar diversas funções no campo de treinamento.

A remuneração é muito ruim, e isso eu sei por causa do mercado, a H... [nome do clube] é um dos clubes que mais valorizam o seu trabalho. O P... [nome do clube] paga R\$800,00 a R\$1.000,00 para a molecada de 13 anos e paga R\$800,00 a R\$1.200,00 para um técnico. Como que você vai ser um técnico de basquete? [...]. [...] Veja a minha situação, eu trabalho hoje numa escola internacional, eu trabalho numa academia, eu tenho uma empresa e eu trabalho no clube. Eu sou técnico de basquete? (T7).

[...] eu sou do basquete, eu gosto de basquete, eu gostaria de viver do basquete, gostaria de trabalhar só com o basquete. É uma coisa que incomoda, porque eu já tive a experiência ir aos Estados Unidos e ver a estrutura que eles têm, é impressionante. E o que a gente faz aqui é milagre, pelo que a gente tem no Brasil é milagre perto do que os caras fazem nos outros países, a dedicação, a estrutura [...] (T6).

Já tive momentos em que eu dava aula de manhã, treino à tarde e à noite. No que era principal na minha vida, talvez eu já não tivesse mais força para ir 100%, eu já ia lá 60%, 50% dar treino. E eu, como sou uma pessoa muito emotiva e vivo no calor do treino, no calor do jogo, eu me frustrava um pouco (T10).

[...] mas seria legal ter uma estrutura de pessoas aqui, um grupo de preparador físico, um fisiologista, um fisioterapeuta para trabalhar cada um na sua área; na verdade, o treinador hoje na categoria menor ele faz tudo, ele tem que ser preparador físico, psicológico, fisioterapeuta, médico [...] (T6).

Além das condições de trabalho, destacaram-se os desafios relativos ao ensino do jogo de basquetebol (T6) e o conflito de valores que permeiam a formação de jovens esportistas (T12).

Cara, pra falar a verdade, no meu primeiro ano, como eu já tinha jogado, eu achei que ia ser mais fácil ser treinador. Pô, eu passei dez anos jogando basquete, aí, quando me colocaram em uma quadra com um apito na boca, ali, pra comandar 12 meninos eu falei: “Eu sempre fiz isso, eu vou mandar fazer também, não é possível, eu achei assim, deu um bum, assim, né? Falei assim e aí toma água, não toma água? Por que que toma? Será que eu preciso aumentar o tempo? Diminuir esse exercício ou aquele? E agora? E conversando com outros técnicos, fazendo curso, pesquisando, procurando saber a gente vai entendendo qual é o formato, como funciona, esse foi um desafio o começo mesmo, porque você fica perdido (T6).

[...] outra coisa é essa preparação do técnico com a pessoa, com o indivíduo. Porque é o seguinte a maioria não vai virar jogador, mas todos vão virar homens e a gente pode detonar eles todos os dias, a gente tem um poder muito grande na mão e na cabeça desses meninos. [...] eu sempre me preocupei que antes de ser campeão você tem que formar a pessoa, sempre foi um lema nosso. Só que ser o nosso lema é uma coisa, mas fazer na prática é outra totalmente diferente [...] (T12).

É importante destacar que a percepção desses desafios condiciona a avaliação dos treinadores sobre os conhecimentos necessários à atuação profissional e, conseqüentemente, a relevância do curso de Educação Física³¹ na formação do treinador e de sua identidade. Quando confrontados com a realidade de trabalho, os treinadores reconheceram a importância dos saberes relacionados à Psicologia, à Fisiologia e à Didática, mas com ênfase para os conhecimentos sobre o jogo de basquetebol. Na percepção da maioria o mínimo que um treinador deve saber são os conhecimentos específicos sobre a modalidade, ou seja, deve dominar os conteúdos técnico-táticos, regras etc. Nesse ponto, destacaram a importância de estar atualizado às escolas de basquetebol no mundo (Estadunidense, Argentina, Espanhola, etc.), as quais apontam para diferentes concepções de jogo.

[...] ele tem que saber toda a regra do jogo, parte de fundamento, parte tática, parte técnica, tudo, eu acho que o técnico de basquete ele sempre tem que ir atrás de mais coisa, sempre tem que estudar coisas diferentes, novas escolas (T4).

Eu acho que ele precisa saber do jogo, precisa entender como é um jogo de basquete, precisa gostar muito, precisa assistir muito basquete, porque o basquete mudou muito [...]. [...] tem que entender como funciona um jogo de basquete, o que está acontecendo no mundo em relação ao basquete [...]. [...] gostar do basquete, assistir o basquete, estar por dentro do que está acontecendo, as nomenclaturas [...] (T6).

[...] vivenciar essas outras culturas, porque eu vejo assim o basquete americano é uma escola, o basquete europeu de um modo geral é outra escola, o asiático outra escola e tudo é basquete, mas é muito diferente. Mesmo nós, a Argentina, de um modo geral o basquete Sul-Americano é outro basquete (T8).

Essa importância atribuída ao conhecimento do jogo de basquetebol reafirma a importância da socialização pré-profissional (primária) na constituição das identidades dos treinadores, já que os saberes específicos sobre a modalidade foram socializados, inicialmente, naquele período. Posteriormente, foram sendo aprofundados pela pesquisa de literatura, mas, principalmente, pela observação e aconselhamento com outros treinadores, bem como pelas experiências de trabalho.

O fato dos treinadores considerarem o domínio dos conhecimentos técnicos, táticos e regras um saber indispensável à atuação profissional parece indicar a superação de um mal entendido amplamente disseminado no campo esportivo e que assombrou os professores e treinadores de esporte nos anos de 1990 e 2000. Refiro-me aqui às críticas endereçadas aos modelos tradicionais de ensino do esporte que tiveram efeitos profundos sobre a identidade dos professores de Educação Física. De maneira específica, chamo atenção para os equívocos descritos por BRACHT³² dentre eles o entendimento de que: “Tratar criticamente o esporte nas aulas de EF é ser contra a técnica esportiva. Portanto, os que não são críticos são tecnicistas. Por outro lado, aqueles que dizem tratar criticamente o esporte na EF negam a técnica, são contra o ensino das técnicas esportivas”. Sobre esse assunto a afirmação de RODRIGUES e DARIDO³³ é bastante apropriada: “[...] as dúvidas e práticas dos professores não devem mais percorrer o sentido de técnicas sim ou técnicas não, mas o sentido de repensar o lugar ocupado por esses movimentos quando ensinamos esporte [...]”.

Desse modo, a análise das narrativas dos treinadores nos permitiu identificar que o terreno profissional

(socialização pré-profissional; socialização ao longo da carreira) é fundamental na construção do sentimento de pertencimento ao basquetebol, na apropriação dos conhecimentos específicos sobre a modalidade, bem como de um conjunto de saberes profissionais como os saberes da ação pedagógica²⁸.

O mesmo não pode ser dito do curso de Educação Física, uma vez que os participantes passaram por uma espécie de especialização disciplinar, restringindo as oportunidades concretas de integração dos treinadores ao contexto específico da cultura do basquetebol e da cultura profissional dos treinadores. Porém, o curso deu contribuições que merecem ser reconhecidas e exploradas no contexto da formação, como a Didática. Como um dos achados do estudo fica a compreensão de que a formação dos treinadores em seu processo de socialização envolve tanto a universidade quanto o local de atuação, nos desafiando a olhar para o modelo profissional de formação em alternância³⁴ como uma possibilidade, pois leva em consideração aquilo que o treinador é e faz, enfim, o seu *habitus*^a – identidade^{22,23}.

A construção da identidade de treinador no processo de socialização

DUBAR¹⁴ concebe a constituição da identidade como o resultado da articulação entre dois processos: um relacional e outro biográfico. O processo relacional pressupõe a ocorrência de transações externas entre o indivíduo e as instituições e está vinculado a atos de atribuição que visam definir que indivíduo você é, ou seja, a identidade para o outro ou a identidade atribuída, o que o autor denomina de socialização das atividades. Já o processo biográfico pressupõe a ocorrência de transações internas ao próprio indivíduo e está vinculado a atos de pertencimento que exprimem que tipo de indivíduo você quer ser, ou seja, a identidade para si ou a identidade reivindicada, o que o autor chama de socialização dos indivíduos.

WAUTIER¹⁶ destaca que a articulação dos eixos relacional e biográfico revela um processo permeado por trocas entre aquilo que o indivíduo quer ser e a imagem que os outros têm ou esperam dele. A autora ilustra essas trocas como um movimento pendular entre si mesmo e os outros, entre identidade reivindicada e identidade atribuída, um movimento contraditório feito de identificação e distanciamento, fusão e ruptura, integração e oposição.

Porém, DUBAR¹⁴ alerta para o fato de que a articulação desses dois eixos (relacional e biográfico) nem sempre é coincidente e, por vezes, é bastante problemática, já que pode haver desacordo entre identidade reivindicada

e identidade atribuída e vice-versa. Esses desacordos, marcados por tensões, geram por parte dos indivíduos o que o autor denomina de estratégias identitárias, as quais assumem duas formas específicas, quais sejam: transações externas e transações internas.

WAUTIER¹⁶ esclarece que as transações externas são caracterizadas por mediações entre o indivíduo e os outros e podem resultar em acordo ou desacordo, adesão ou conflito, o que DUBAR¹⁴ define como a possibilidade do reconhecimento social ou o não reconhecimento. Em contrapartida, as transações internas são caracterizadas por mediações entre as identidades anteriores (herdadas) e as identidades pretendidas pelo indivíduo e podem resultar em continuidade – quando não há discrepância entre identidade herdada e identidade visada – ou em ruptura – quando há incompatibilidade entre a definição de si, oriunda da trajetória anterior, e o projeto de si no futuro.

Para efeitos didáticos, optamos pela denominação presente no trabalho de WAUTIER¹⁶, que relaciona a transação interna com projeto pessoal e a transação externa com o projeto coletivo. Portanto, analisou-se a articulação entre projeto pessoal e projeto coletivo ao longo das socializações sucessivas dos treinadores pesquisados.

No âmbito do processo biográfico (projeto pessoal) os resultados evidenciaram a importância da história de vida pessoal no processo de vir a ser treinador (socialização dos indivíduos). Há uma conjunção de fatores relacionados à trajetória biográfica que contribuíram para o envolvimento com o basquetebol.

Entre eles, interessante ressaltar a tradição de basquetebol nas cidades de boa parte dos treinadores, a oportunidade de participar de escolinhas e conhecer bons professores, o esforço para se tornar atleta, a pesquisa e o estudo independente sobre o basquetebol, a busca pelo curso de Educação Física, a busca por clínicas dentro e fora do país, a observação de treinos e jogos, a observação e o aconselhamento com treinadores mais experientes, o trabalho, entre outras vivências que demonstram o investimento pessoal dos treinadores.

Concomitantemente ao processo biográfico, salta aos olhos a importância das pessoas e das instituições na constituição das identidades dos treinadores, o que DUBAR¹⁴ define como o processo relacional (projeto coletivo) ou socialização das atividades.

A formação dos treinadores não se dá apenas por meio do investimento de si, mas também pelas relações com os outros, com os grupos significativos no contexto esportivo. Ou seja, o eixo biográfico é

constantemente atravessado por um eixo relacional, o qual modifica as maneiras pelas quais os treinadores se reconhecem como pessoa e como profissional.

No âmbito da identidade atribuída (eixo relacional), destacou-se o papel dos primeiros professores, dos primeiros treinadores, dos treinadores mais experientes, do curso de Educação Física, dos professores da universidade, dos colegas de trabalho, dos atletas e dos demais atores e instituições que influenciam os treinadores.

Constatou-se que diversas pessoas e instituições atravessaram a vida dos treinadores e de alguma maneira afetaram suas maneiras de ver a si mesmo, de ver os colegas de trabalho, de ver os atletas, de ver o basquetebol, de ver as categorias de formação, enfim, de ver a profissão de treinador. Portanto, além de ser fruto de socializações sucessivas o processo de constituição identitária dos treinadores, é também o resultado de um processo biográfico (identidade reivindicada) e de um processo relacional (identidade atribuída)¹⁴.

Diante disso, ao analisar a articulação entre as identidades reivindicada e atribuída, ou seja, o processo de negociação entre projeto pessoal e projeto coletivo, chegou-se à seguinte compreensão:

(I) A socialização pré-profissional

Prevaleceu os processos de aprendizagem por imersão na cultura esportiva, capital cultural^c, elementos que configuram a educação artesanal, a “escola de ofício”, o que representa uma tradição na formação de treinadores e que em nosso entendimento relaciona-se ao projeto coletivo. CUNHA³⁵ assinala que este tipo de educação:

[...] desenvolve-se mediante processos não sistemáticos, a partir do trabalho de um jovem aprendiz com um mestre de ofício, em sua própria oficina, com seus próprios instrumentos e até mesmo morando em sua casa. Ajudando-o em pequenas tarefas, que lhes são atribuídas de acordo com a lógica da produção, o aprendiz vai dominando, aos poucos, o ofício (p. 2).

Para RAMOS³⁶, o termo “escola de ofício” indica um tipo de experiência e aprendizagem sustentada pela transmissão de um “saber fazer” que passa de pai para filho, do artesão para o aprendiz, do mestre para o discípulo. De acordo com RUGIU³⁷, as ideias relativas ao trabalho artesanal do mestre de ofício estão

relacionadas às corporações de ofício, organizações de trabalhadores que tiveram forte desenvolvimento do século XII ao século XIV. Porém, é inegável as semelhanças do processo de aprendizagem profissional dos treinadores de basquetebol à educação artesanal, típica da “escola de ofício”. Percebemos semelhanças entre o papel representado pelos antigos professores e treinadores ao papel do mestre de ofício, pelos atletas e jovens treinadores aos dos aprendizes ou discípulos e pelo ginásio/quadra esportiva ao da oficina.

Nesse aspecto, os dados revelaram que a maioria dos treinadores (T2, T3, T5, T6, T8, T9, T10, T11, T12, T13) aderem às práticas e valores dos primeiros professores e treinadores, enquanto que poucos (T1, T4, T7) aderem aos propósitos dos primeiros professores, porém rompem com os antigos treinadores.

(II) A socialização na universidade

No que diz respeito ao curso de Educação Física, podemos afirmar que a integração da formação do treinador ao contexto universitário representa uma tentativa de profissionalização dos treinadores, o que poderia indicar uma possibilidade de ruptura em relação à tradição da “escola de ofício”. Contudo os dados revelaram críticas generalizadas sobre a relevância do curso na formação específica do treinador, o que indica as limitações do curso em abalar as crenças construídas ao longo da socialização pré-profissional ou que o curso não representa o projeto coletivo dos treinadores. A análise mais aprofundada das críticas dos treinadores exigiria o confronto com os projetos pedagógicos de curso, todavia essa é uma limitação de nosso estudo, já que não trabalhamos com a análise das propostas curriculares e optamos por aprofundar o entendimento da problemática na perspectiva dos treinadores.

Os conhecimentos socializados no curso não foram capazes de alterar profundamente a constituição identitária dos treinadores, mas foram fundamentais para alertar os treinadores sobre limites do saber da experiência¹⁶, indicando a necessidade de apropriação de um conjunto de saberes necessários a atuação profissional dos treinadores.

Apesar disso, é necessário reconhecer que o curso superior em Educação Física se caracteriza pelo oferecimento de uma formação inicial, na maioria das vezes generalista, voltada para diferentes campos de atuação, o que é incompatível com as expectativas de aprofundamento técnico-instrumental reivindicada pelos treinadores.

(III) A socialização no trabalho

Em relação ao exercício profissional identificamos um grupo de treinadores (T2, T3, T5, T12) que não chega a alterar consideravelmente suas crenças e práticas sobre o treinamento e trabalham, predominante, em continuidade aos propósitos dos antigos professores e treinadores, ou seja, o núcleo gerador de sentido da prática profissional desses treinadores são as experiências da “escola de ofício”.

Na direção contrária, identificamos outro grupo (T1, T4, T6, T7, T8, T9, T10, T11, T13) que buscou novas referências para desenvolver as atividades de treinamento. Apesar de valorizarem as experiências do período da socialização pré-profissional, alguns treinadores procuraram aprender novos conceitos de jogo com os colegas de trabalho (T1, T4, T8, T11), outros participaram constantemente de clínicas fora do país (T1, T5, T7, T10) e outros tiveram a oportunidade de acompanhar seleções nacionais, o que permitiu aprender com treinadores de renome, bem como conhecer outras escolas do basquetebol mundial (T8, T10, T13).

O cruzamento dos dados encontrados nas socializações sucessivas (pré-profissional, na universidade e no trabalho) nos permitiu, *grosso modo*, identificar pelo menos dois perfis identitários, os quais denominamos de identidade de ofício e identidade em mobilidade. Fica evidenciado que todos os treinadores constituem suas identidades sob forte influência da educação artesanal, da aprendizagem no convívio com os mestres de ofício, inclusive, ao longo do curso de Educação Física e no transcorrer da carreira.

Sobre as experiências de formação vivenciadas pelos componentes de uma oficina, RUGIO³³ descreve a relação mestre e aprendiz da seguinte maneira:

[...] uma relação educativamente relevante e compreensiva de procedimentos do aprendizado formal e informal, ainda mais, de socialização dos comportamentos requeridos pela classe social e pelo grupo trabalhador específico e de constituição de comportamentos típicos nas relações com a realidade cotidiana (p.48-49).

Trata-se de um processo formativo vinculado à apropriação de um conjunto de habilidades, comportamentos, valores compartilhados pelos membros de determinada corporação de ofício, transmitidas pela tradição oral e prática guiada pela autoridade do mestre³³.

Com os treinadores de basquetebol não parece ser diferente, já que boa parte da aprendizagem ocorre pelos atos de *fazer junto com o mestre* ou *observar o mestre fazendo*. A exceção é a transmissão formal de conhecimentos no curso de Educação Física, mas que, ainda, não tem a devida valorização, já que na perspectiva dos treinadores a formação inicial responde apenas superficialmente as demandas da prática.

Os treinadores com identidade de ofício (T1, T3, T5, T12) sustentaram suas práticas nas tradições e nos saberes adquiridos na socialização pré-profissional. Esses treinadores tendem a trabalhar em continuidade aos valores, metodologias e crenças dos antigos treinadores.

Apesar de valorizarem os saberes adquiridos no curso de Educação Física, os treinadores afirmaram que estes não alteram significativamente suas práticas profissionais. As experiências como praticante e atletas da modalidade foram tão significativas que ao longo do processo de socialização os treinadores procuram sustentar a identidade herdada daquele período.

Não há nos relatos desses treinadores elementos que nos permitam identificar a ruptura com a tradição do ofício, o que confirma o poder desse tipo de aprendizagem e sua relevância no processo de constituição identitária desse grupo de treinadores, como já havia sido alertado por BERGER e LUCKMANN²⁷.

A identidade em mobilidade agrupa os treinadores que foram influenciados pela tradição da “escola de ofício”, inclusive parte desse grupo adere aos primeiros professores e treinadores (T6, T8, T9, T10, T11, T12, T13), outros (T1, T4, T7) demonstram a necessidade de romper com as práticas dos antigos treinadores.

Mas o que diferencia esse grupo de treinadores é que todos reconhecem os limites da aprendizagem experiencial, todos reconhecem as insuficiências da educação artesanal, e demonstram uma mudança de mentalidade em relação às necessidades de formação.

Isso não quer dizer que os treinadores descartam as aprendizagens experienciais e passam a buscar, apenas, conhecimentos científicos para sustentar suas práticas. Na verdade, demonstram empenho em busca de novas referências para qualificar o seu trabalho, nos mais diversos contextos formativos.

O termo identidade em mobilidade é uma referência a essas tentativas de extrapolar a aprendizagem obtida pela “escola de ofício” em busca de referências, dentre elas o conhecimento científico, que possam elevar a prática dos treinadores

a outros patamares, garantindo mais eficiência e eficácia ao processo de formação de jovens atletas.

Esses dados indicam a emergência de identidades profissionais frágeis entre os treinadores pesquisados, marcadas por um projeto coletivo sustentado pelas tradições da “escola de ofício” e pela dificuldade de identificação com a formação em nível superior oferecida nos cursos de Educação Física. Os projetos pessoais parecem, em sua maioria, satisfeitos pelo projeto coletivo da “escola de ofício”.

O suspiro de profissionalização emerge do investimento pessoal de alguns treinadores (T1, T4, T6, T8, T9, T10, T11, T12, T13) que buscam novas referências para suas práticas. Contudo, tratam-se de iniciativas isoladas que estão na dependência de recursos financeiros para participar de clínicas fora do país, na sorte em poder trabalhar ao lado de treinadores experientes e competentes, ou de assumir seleções nacionais e, com isso, aproveitar a experiência internacional para conhecer novas escolas do basquetebol mundial, conversar e compartilhar materiais didáticos com treinadores de outros países.

A superação desse quadro passa, inevitavelmente, pelo fortalecimento e pela democratização das propostas de formação de treinadores oferecidas pelas entidades do sistema esportivo, tais como, as iniciativas da Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol, chancelada pela Confederação Brasileira de Basquetebol e a Academia Brasileira de Treinadores do Comitê Olímpico Brasileiro. Mas, também, pela transformação do modelo de formação que tem sustentado os cursos de graduação em Educação Física, avançando em relação à lógica disciplinar e aplicacionista dos currículos, na direção de propostas que considerem a prática profissional como o eixo central da formação³³.

Finalmente, em um esforço de síntese, os resultados revelaram que os treinadores constituem suas identidades nas experiências vivenciadas ao longo da vida pessoal e profissional, as quais têm início na socialização pré-profissional, perpassam a socialização profissional no curso de Educação Física e adentram a socialização profissional ao longo da carreira. Um processo em longo prazo, fruto do investimento pessoal e das interações com os diversos sujeitos e instituições que cruzaram a vida de cada treinador.

No âmbito da trajetória biográfica (investimento pessoal) os treinadores demonstraram, desde muito cedo, o desejo de fazer parte do basquetebol, o que ocorreu inicialmente como praticante e espectador da modalidade. Nesse período a figura dos primeiros professores foi fundamental para o encantamento pelo basquetebol (processo relacional).

O passo seguinte foi o investimento na vida de atleta, o qual foi mediado pelos primeiros treinadores, período marcado por experiências e lembranças positivas para a maioria dos treinadores e negativas para outros. Nesse período, o processo de aprendizagem ocorreu por imersão na cultura esportiva, o que denominamos de educação artesanal, tradicional processo formativo do aprendiz pelo mestre de ofício, o qual conduz o iniciante nos segredos do ofício. Os treinadores apropriaram-se dos conhecimentos e valores da cultura do basquetebol no convívio com os antigos professores e treinadores, observando, ajudando, conversando com os seus mestres de ofício.

É nessa fase que os treinadores constituem suas identidades de ofício, o que sustenta as crenças e as práticas sobre o treinamento. As identidades de ofício representam o alicerce sobre o qual novas identidades poderão ser forjadas.

Os treinadores, apoiados em suas identidades de ofício cursaram a Educação Física, o qual não foi capaz de abalar significativamente o núcleo dessa identidade. Nesse sentido, as crenças e práticas sobre o treinamento no basquetebol permaneceram ancoradas nas experiências da “escola de ofício”. Apesar disso, uma parcela dos conhecimentos socializados no curso afetou os treinadores, os quais reconheceram a pertinência desses conhecimentos na constituição da base de saberes necessários à atuação profissional. Nesse ponto, destaca-se o papel da Didática, o que alertou os treinadores para os limites dos saberes da experiência e a necessidade de conjugar o “saber” com o “saber ensinar”.

Após o curso, os treinadores passaram a investir no desenvolvimento da carreira. O exercício profissional foi decisivo na vida dos treinadores,

pois exigiu o enfrentamento de um conjunto de desafios que puseram a prova a pertinência da formação obtida em socializações anteriores.

Em outras palavras, diante das exigências do trabalho os treinadores passaram a produzir saberes profissionais (saberes da ação), o que provocou uma avaliação crítica dos saberes socializados nas experiências como atleta e como aluno do curso de Educação Física.

Para alguns treinadores (T2, T3, T5, T12) o resultado desse processo foi a conservação e manutenção das identidades de ofício, já que não houveram mudanças significativas que pudesse justificar o abandono ou a transformação das identidades herdadas da socialização pré-profissional.

Para outro grupo (T1, T4, T6, T8, T9, T10, T11, T12, T13) o resultado foi a construção de identidades em mobilidade, já que reconheceram as fragilidades de suas identidades de ofício e passaram a buscar novas referências para sustentar e qualificar sua atuação profissional.

Desse modo, os resultados confirmam nossa hipótese de que a constituição identitária dos treinadores está fortemente atrelada às experiências que ocorrem no terreno profissional, sendo que o curso de Educação Física exerce papel complementar na constituição da identidade dos treinadores de basquetebol das categorias de formação.

Essa constatação acena para a necessidade de revisão e transformação do modelo de formação que tem sustentado os currículos dos cursos de Educação Física no Brasil, bem como a grande maioria dos cursos de treinadores oferecidos pelas entidades esportivas, já que boa parte deles reproduz o modelo universitário de formação.

Notas

- a. Se o mundo social tende a ser percebido como evidente é porque as disposições dos agentes, o seu *habitus*, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social²⁶. Pode-se considerar o *habitus* como aquilo que se adquiriu, que se encarnou de modo durável no corpo sob a forma de disposições permanentes.
- b. O sentido dado a *illusio* aparece relacionado à ideia de investimento, interesse e crença, podendo ser entendida como a *crença compartilhada* que efetiva o pertencimento a um *campo* (espaço social). Representa o interesse que os agentes sociais têm por participar no jogo. De modo que é o investimento no jogo jogado em um *campo* que tira seus agentes do patamar comum, de uma certa indiferença, e os inclina e dispõe a operar com as distinções pertinentes à lógica do *campo* e é o interesse pelo jogo que valoriza e legitima as apostas sociais nele geradas. Portanto, a *illusio* é a condição original de um *campo* e seu jogo, no qual ela é, ao mesmo tempo, o arbitrário fundador e o produto²⁵.
- c. O capital cultural está vinculado à questão da assimilação e inculcação de conhecimentos e informações ao longo de uma trajetória de vida, podendo se tornar parte constituinte da pessoa na forma de: estado incorporado, ou seja, de disposições

duráveis do organismo que o incorpora; estado objetivado, na aquisição de bens culturais e estado institucionalizado que está associado ao diploma, certificação, convertibilidade entre capital cultural e capital econômico²⁶.

Abstract

The building of identity in coaches' professional socialization: between the craft school and the academy

This study has aimed to analyze the process of professional identity formation of youth basketball coaches. A qualitative method was used according to the ethno-sociological perspective and based on the assumptions of 13 basketball coaches' life narratives, also using the narrative interview as a technique for data collection. The results revealed the process of professional identity formation of the studied coaches resulting comes from successive socialisation processes of their personal and professional journey. The coaches' identities emerged from interplay between the coaches' biographical and relational trajectories, confirming the relevance of professional experience in the field acquired through immersion in sports culture. On the one hand, that is strongly marked by an artisan type of education, a "craft school", a traditional process of apprentice training by a master craftsman and on the other hand, it is questioned by the mechanisms of training of Physical Education courses. Finally, by drawing way of conclusion, we have identified the emergence of two identity profiles among those surveyed coaches, namely: the craft identity and the identity in mobility.

KEYWORDS: Education; Professional development; Life narratives; Basketball.

Referências

1. Cushion C. Conceptual development in sports coaching. In: Cushion C, Lyle J. Sports coaching: professionalisation and practice. London: Elsevier; 2010. p. 1-13.
2. Mallet CJ, Trudel P, Lyle J, Rynne SB. Formal vs informal coach education. *Int J Sports Sci Coach*. 2009;4(3):325-334.
3. Trudel P, Gilbert W, Werthner P. Coach education effectiveness. In: Lyle J, Cushion C. Sports coaching: professionalisation and practice. London: Elsevier, 2010. p. 135-152.
4. Cushion CJ, Armour KM, Jones RL. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *Quest*. 2003;55(3):215-230.
5. Lemyre F, Trudel P, Durand-Bush N. How youth-sport coaches learn to coach. *Sport Psychol*. 2007;21:191-209.
6. Werthner P, Trudel P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. *Sport Psychol*. 2006;20:198-212.
7. Wright T, Trudel P, Culver D. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. *Phys Educ Sport Pedagogy*. 2007;12(2):127-144.
8. Sáiz SJ, Calvo AL, Gómez MA. Medios de formación de los entrenadores expertos en baloncesto. *CCD*. 2009;4(11):119-125.
9. Lyle J. Sports coaching concepts: a framework for coaches' behaviour. London: Routledge; 2002.
10. Milistetd M, Trudel P, Mesquita I, Nascimento JV. Coaching and Coach Education in Brazil. *Int. Sport Coach. J*. 2014;1:165-172.
11. Hall S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2006.
12. Hall S. Quem precisa de identidade? In: Silva TT, Hall S, Woodward K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9a ed. Petrópolis: Vozes; 2009.
13. Dubar C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc*. 1998;19(62):13-30.
14. Dubar C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
15. Dubar C. A crise das identidades: a interpretação de uma mutação. São Paulo: EDUSP; 2009.
16. Wautier AM. A construção identitária e o trabalho nas organizações associativas. Ijuí: Unijuí; 2001.

17. Denzin NK, Lincoln YS. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2a ed. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 15-42.
18. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; 2010.
19. Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7a ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
20. Brasil. Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Presidência da República; 2006.
21. Sparkes AC, Smith B. Qualitative Research Methods in Sports, Exercise and Health: from process to product. New York: Routledge; 2014.
22. Nóvoa A. A formação de professores e a profissão docente. In: Os professores e sua formação. 2a ed. Lisboa: Dom Quixote; 1995. p. 12-33.
23. Bourdieu P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero Ltda; 1983.
24. Setton MGJ. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Rev. Bras. Educ. 2002;(20):60-70.
25. Bourdieu P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus; 1996.
26. Paiva FSL, Ron OO. A Constituição do Campo Educação Física. In: Bracht V, Crisorio R. A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; 2003. p. 57-61.
27. Bourdieu P. O poder simbólico. Lisboa: Difel; 1989.
28. Berger PL, Luckmann T. A construção social da realidade. São Paulo: Vozes; 1998.
29. Gauthier C, Martineau S, Desbiens JF, Malo A, Simard D. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí; 1998.
30. Tardif M. Saberes docentes e formação profissional. 4a ed. Petrópolis: Vozes; 2002.
31. Bracht V. A educação física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: Medina JPS. A educação física cuida do corpo... e “mente”. 26a ed. Campinas: Papirus; 2013.
32. Bracht V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento. 2000;1(12):14-24.
33. Rodrigues HA, Darido SC. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar para as tendências socioculturais. Movimento. 2008;14(2):137-154.
34. Borges CA. Formação docente em Educação Física em Quebec: saberes, espaços, cultura e agentes. In: ENDIPE – Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas, XIV, 2008, Porto Alegre, Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: EdUPUCRS; 2008. p. 147-174.
35. Cunha LACR. O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata. São Paulo: UNESP; 2000.
36. Ramos GNS. Escolas de ofício, profissão educação física e sociedade. Motriz rev. educ. fis. 2009;15(4):919-924.
37. Rugiu AS. Nostalgia do mestre artesão. Campina: Autores Associados; 1998.

ENDEREÇO

Heitor de Andrade Rodrigues
 Faculdade de Educação Física e Dança
 Universidade Federal de Goiás
 Avenida Esperança, s/n – Campus Samambaia
 74690-900 – Goiânia – GO – Brasil
 e-mail: triheitor@yahoo.com.br

Recebido para publicação: 30/09/2015

1ª Revisão: 10/04/2017

2ª Revisão: 27/03/2018

3ª Revisão: 14/06/2018

Aceito: 11/07/2018